

## Representação Lexical de Classes Verbais do PB

Márcia CANÇADO (UFMG)<sup>1</sup>  
Luisa GODOY (UFMG)<sup>2</sup>

### 1. Introdução

O objetivo deste trabalho é oferecer uma proposta de representação lexical dos itens predicadores<sup>3</sup>, a qual consiste em dois níveis relacionados: um nível sintático-lexical, que toma a forma das estruturas de Hale e Keyser (1993, 2002), e um nível semântico-lexical, que toma a forma de uma decomposição de predicados (nos termos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, 1998, 1999, dentre outros). Enquanto o nível semântico-lexical organiza e caracteriza semanticamente as classes verbais, o nível sintático-lexical prevê as possíveis configurações sintáticas e as alternâncias argumentais dessas classes. O que os dois níveis têm em comum e o que os relaciona é a raiz. Na decomposição de predicados (nível semântico-lexical), a raiz é um elemento que representa o sentido idiossincrático do verbo e que pode ser classificada quanto a uma ontologia das raízes (Levin e Rappaport, 1998, 1999, 2005). Nas estruturas sintático-lexicais de Hale e Keyser (nível sintático-lexical), a raiz é um elemento pertencente a alguma categoria gramatical.

Vale dizer que a idéia de dois níveis lexicais (um semântico e outro sintático) já foi sugerida nos trabalhos de Levin e Rappaport (1988) e Grimshaw (1990). Mais recentemente, Cançado (2010) propõe associar as estruturas de Hale e Keyser (2002) com uma estrutura de decomposição de predicados. Seguindo a proposta inicial de Cançado, vamos expandir e aprofundar essa idéia da vinculação entre os dois tipos de estrutura.

É preciso motivar a postulação desses dois níveis. Consideremos primeiro porque não ficamos apenas com o nível semântico-lexical. A razão é que o mapeamento de uma decomposição de predicados na sintaxe não é algo trivial. Como explicam Levin e Rappaport-Hovav (2005), é preciso tornar explícita a correspondência dos argumentos semânticos da decomposição de predicados nas posições sintáticas. Essa correspondência pode ter a forma de regras de *linking* ou hierarquias de argumentos. A sintaxe lexical de Hale e Keyser (2002) pode funcionar como uma hierarquização dos argumentos semânticos, de forma a fazer a interface da semântica lexical com a sintaxe propriamente dita, a sintaxe sentencial. Ou seja, assumindo as estruturas de Hale e Keyser (2002) em composição com as estruturas de decomposição de predicados, estamos tecendo uma proposta de mapeamento sintático. Além disso, a maneira como se dão as alternâncias argumentais na sintaxe é bem explicada por meio das estruturas de Hale e Keyser (2002), enquanto que, se ficássemos apenas com as decomposições de predicados, teríamos de nos valer de mais regras para explicar essas alternâncias.

Por outro lado, por que não ficamos apenas com o nível sintático-lexical, como é o caso da própria teoria de Hale e Keyser (1993, 2002), isenta de informações semânticas? O

---

<sup>1</sup> A autora agradece o apoio financeiro do CNPq (bolsa PQ) e da FAPEMIG (bolsa PPM).

<sup>2</sup> A autora agrade o suporte financeiro da CAPES (bolsa de doutoramento).

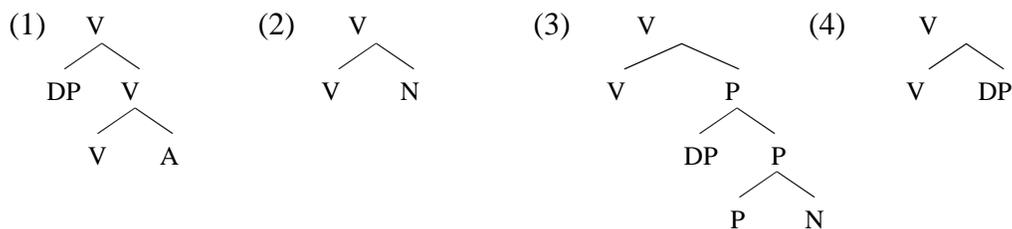
<sup>3</sup> Vamos aqui tratar exclusivamente de verbos.

principal motivo é o fato de que as estruturas sintático-lexicais não dão conta de representar todos os traços lexicais que são relevantes linguisticamente em relação aos verbos. Por exemplo, Hale e Keyser (2002), frente a restrições de teor semântico para a alternância causativa, alocam-nas na parte enciclopédica do sentido dos verbos. Porém, em uma decomposição de predicados, essas restrições poderiam não apenas ser representadas como explicadas, pois é possível que sejam sistemáticas em certas classes de verbos e não, idiossincráticas/enciclopédicas. Se assim for, temos um ganho em termos de generalização e explicação sobre o que influi na realização argumental dos verbos de uma língua.

É importante ainda realçar que o mapeamento entre a semântica e a sintaxe se dá de uma forma “muitos-para-um”. Se o ponto de convergência das duas estruturas é a raiz, expressa na semântica por categorias ontológicas e na sintaxe por categorias gramaticais, é evidente que teremos várias classes semânticas associadas a uma única estrutura sintático-lexical, pois há mais categorias ontológicas do que categorias gramaticais.

## 2. As estruturas sintático-lexicais de Hale e Keyser (2002)

Desde Hale e Keyser (1993), os autores propõem a existência de uma sintaxe no léxico, cujas estruturas (diagramas arbóreos) são as próprias estruturas argumentais dos itens lexicais. Em um trabalho mais recente, Hale e Keyser (2002) reelaboram a sua proposta<sup>4</sup>, sugerindo quatro estruturas sintático-lexicais para representar a estrutura argumental dos verbos<sup>5</sup>:



Em (1), temos a estrutura dos verbos deadjetivais, como *clear*, que projetam um Spec e cuja raiz é de natureza A (adjetivo). A posição de Spec é a do argumento interno; o argumento externo não é representado nesta estrutura, pois não pertence à estrutura argumental dos verbos. O argumento externo faz parte da estrutura sintático-sentencial, a sintaxe propriamente dita.

---

<sup>4</sup> Apontamos aqui quatro reelaborações da proposta: a) os princípios da “Bare Phrase Structure” são assumidos em oposição aos princípios da Teoria X-barrada adotada anteriormente, b) algumas das estruturas propostas são alteradas (como a das preposições, que predicam um argumento em (1993), mas dois argumentos em (2002)), c) a idéia de “incorporation” é substituída pela de “conflation” na derivação lexical de itens como os verbos inergativos (vide argumentação dos autores para a diferença entre os dois processos) e d) o complemento do verbo na estrutura sintático-lexical é chamado de “raiz” (por vezes representada nos diagramas arbóreos como R).

<sup>5</sup> Existe ainda outra estrutura simples, apenas com um núcleo, que deve se relacionar a verbos do tipo *chover*. Entretanto, essa estrutura não é explorada pelos autores e nem será explorada neste trabalho.

Em (2), temos a estrutura sintático-lexical de verbos inergativos, os denominais, como *laugh*. A raiz desses verbos (em posição de complemento de V) é de natureza gramatical N (nome) e não projeta um Spec para o verbo; esses verbos não têm argumento interno. A presença de um argumento interno em posição de Spec de V é o que determina a possibilidade de o verbo alternar entre uma forma intransitivo-incoativa e uma transitivo-causativa. Na sintaxe sentencial de verbos cuja estrutura sintático-lexical é (1), o argumento interno pode ou ser alçado para a posição de sujeito, formando uma sentença intransitiva, ou ocupar a posição de objeto, na presença de um um argumento externo. Por outro lado, na estrutura sintático-lexical de verbos que não projetam um Spec, como em (2), não há um argumento que possa ser alternado.

Em (3), temos a estrutura proposta para verbos conhecidos como *location* e *locatum* (*bottle* e *butter*), verbos psicológicos (*anger*) e de resultados (*cut*). Partindo de Clark e Clark (1979), Hale e Keyser entendem esses verbos como denominais, (como os inergativos), mas seu complemento é a projeção de uma preposição abstrata<sup>6</sup>. A raiz é N, que se une (*merge*) com P e sucessivamente com V, seguindo os princípios da operação *conflation*. Ainda, como esses verbos não projetam um Spec de V, eles também não participam da alternância causativa<sup>7</sup>.

E em (4), temos uma estrutura de verbos que projetam somente um argumento, o complemento, não incluindo um Spec (como *make a fuss*). Esses verbos também não participam da alternância causativa.

Este trabalho será uma proposta de classificação semântica de apenas algumas classes de verbos do PB (português brasileiro), os verbos conhecidos como causativos e alguns dos verbos conhecidos como agentivos, e a sua correlação com as estruturas (1) e (3), propostas por Hale e Keyser. Estamos assumindo que um comportamento sintático semelhante (mesmas possíveis realizações argumentais) é indício de uma mesma classificação semântico-lexical. Porém, assumimos a possibilidade de que as classes verbais não sejam sempre as mesmas em todas as línguas. Ou seja, ainda que um verbo de uma língua denote um mesmo evento no mundo que um verbo de outra língua, é possível que a conceptualização do evento realizada por cada verbo não seja a mesma. Por exemplo, o verbo *blush* ('corar') em inglês é inergativo, enquanto em italiano, *arrossire*, é inacusativo. Levin (1993) sugere que a diferença está na diferente conceptualização do evento lexicalizada por cada língua (no inglês é uma atividade e no italiano, um *achievement*).

### 3. A decomposição de predicados

Muitos semanticistas lexicais (como Jackendoff 1990, Levin e Rappaport-Hovav 1995, 1998, 1999, 2005, 2009, in press) Van Valin e LaPolla 1997, Van Valin 2005 e

---

<sup>6</sup> A preposição é, para os autores, uma projeção diádica. A única categoria gramatical essencialmente birrelacional é a preposição.

<sup>7</sup> Vale realçar que a estrutura em (2) é semelhante à estrutura em (3), exceto pela natureza do complemento de V; em (2), existe a formação de um verbo denominal, através do processo de *conflation* de N com um V vazio; e em (3), existe a formação de um verbo denominal, através do processo de *conflation* de P com um V vazio (ou com algum prefixo do tipo *-en-*).

Wunderlich 2000) exploram a idéia que os determinantes semânticos da realização argumental derivam da decomposição do significado dos verbos em elementos básicos. Segundo Levin e Rappaport Hovav (2005, p.69): “A decomposição de predicados é a representação do significado formulada em termos de predicados primitivos escolhidos para representar os componentes do significado que são recorrentes entre os grupos de verbos”. Como os verbos individualizam e nomeiam os eventos, as teorias de decomposição de predicados são também teorias de tipos de eventos. Usaremos a abordagem de decomposição de predicados para tratar das classes de verbos estudadas, ou dos tipos de eventos que essas classes nomeiam<sup>8</sup>.

Seguiremos mais de perto a proposta de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1998, 1999, 2005, 2009, in press) para propormos a nossa classificação dos verbos do PB. Vejamos um exemplo. As autoras propõem que verbos que denotam mudança de estado, como *quebrar*, têm a seguinte estrutura semântica:

(5) v: [ [X ACT] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

A estrutura inteira representa a contraparte causativa dos verbos de mudança de estado e a estrutura encaixada [Y BECOME <STATE>] representa a contraparte incoativa desses verbos. Na estrutura em (5), ACT, CAUSE e BECOME são predicados primitivos, X e Y são os argumentos de cada um desses predicados (o “agente” e o “paciente”, respectivamente) e o que está entre colchetes angulados é a chamada “constante” (Levin e Rappaport-Hovav, 1998) ou “raiz” (Levin e Rappaport-Hovav, 2005), que representa o sentido idiossincrático de cada verbo. Apesar de veicularem um sentido idiossincrático, as raízes podem ser classificadas quanto a determinados tipos ontológicos. A coincidência terminológica da palavra “raiz” nas propostas de Levin e Rappaport-Hovav e Hale e Keyser não é gratuita. As autoras entendem as estruturas de Hale e Keyser como uma “versão sintática” da decomposição de predicados.

Rappaport-Hovav e Levin (in press) assumem que existem verbos que têm como parte de seu significado a especificação do processo de um estado resultante, os chamados “verbos de resultado”; e existem verbos que têm como parte de seu significado a especificação da maneira de como uma ação ocorre, os chamados “verbos de maneira”. Essa distinção é gramaticalmente relevante, já que os verbos de resultado e os verbos de maneira diferem na realização de suas estruturas argumentais.

Neste artigo, não trataremos dos verbos de maneira. Vamos focalizar nossa análise nos verbos de resultado, ou seja, verbos que estabelecem uma relação causal entre dois subeventos e acarretam um resultado final. Em uma análise mais ampla de dados do PB<sup>9</sup>, percebemos que a proposta de Rappaport e Levin para esses verbos não é específica o suficiente de forma a capturar de uma maneira mais fina diferenças semânticas linguisticamente relevantes. Por isso, estenderemos mais essa divisão, pois, ainda que esses verbos denotem um resultado final, os tipos de resultados são diferentes, fazendo esses

---

<sup>8</sup>Ver Levin e Rappaport-Hovav (2005) para uma argumentação sobre a vantagem da decomposição de predicados em relação à abordagem de uma listagem de papéis temáticos atribuídos por um verbo.

<sup>9</sup>Essa análise de dados está disponível em [www.letras.ufmg.br/nucleos/nupes](http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nupes).

verbos serem classificados como verbos que denotam uma mudança de estado e verbos que denotam uma ação. Mostraremos que essa divisão é relevante sintaticamente.

#### 4. Verbos de mudança de estado

Segundo Parsons (1990), verbos que denotam uma mudança de estado acarretam necessariamente o sentido de: *become ADJ*, em que o adjetivo é relacionado ao verbo<sup>10</sup>. Para o PB, podemos ilustrar essa afirmação com os seguintes exemplos, em que (a) acarreta (b):

- (6) a. O João quebrou o vaso.  
b. O vaso ficou quebrado.<sup>11</sup>
- (7) a. A filha preocupou a mãe.  
b. A mãe ficou preocupada.
- (8) a. O calor amadureceu a banana.  
b. A banana ficou madura.

Portanto, faz sentido classificar os verbos acima, mais amplamente, como sendo pertencentes a uma mesma classe. Para Levin e Rappaport (1995, 1998, 1999, 2005), verbos desse tipo possuem a estrutura em (5) e aceitam a alternância causativo/incoativa, na forma transitiva e intransitiva:

- (9) a. O João quebrou o vaso.  
b. O vaso (se) quebrou.
- (10) a. A filha preocupou a mãe.  
b. A mãe (se) preocupou.
- (11) a. O calor amadureceu a banana.  
b. A banana amadureceu.

Entretanto, em uma análise mais detalhada, vemos que existem certas diferenças relevantes que motivam uma subclassificação semântica ainda mais fina para os dados do PB.

##### 4.1 Verbos causativo/agentivos

Além de verbos do tipo em (6) expressarem uma mudança de estado, Cançado (2010) propõe que esses verbos devem ser decompostos como em (12) abaixo, em que *x* é uma

---

<sup>10</sup> Para adjetivos que denotam propriedades graduais, como por exemplo, o adjetivo contido em *clarear*, o acarretamento não será do tipo: *João clareou a sala.* -> *A sala ficou clara.* Mas sim, *A sala ficou mais clara.* Ver sobre o assunto Rappaport-Hovav e Levin (in press).

<sup>11</sup> Note-se que, quando não existe morfologicamente a forma adjetival, o particípio assume a função adjetiva. Para maiores explicações sobre a diferença entre a forma adjetival e a forma participial, ver Parsons (1990).

força externa, como um agente, um instrumento ou mesmo uma eventualidade, *y* é a entidade afetada e *STATE* é o elemento idiossincrático do significado, a raiz:

(12)  $v : [ [ X (ACT) ] CAUSE [ Y BECOME <STATE> ] ]$

A representação semântica em (12) difere da de Levin e Rappaport-Hovav, em (5), porque especifica um pouco mais o evento. Cançado propõe que esses verbos apresentam o predicado ACT apenas opcionalmente, porque se *x* for o agente volicional da ação, isso não está marcado lexicalmente no verbo, mas no nível sentencial, com a presença de um modificador relacionado ao sujeito:

- (13) a. João quebrou o vaso.  
b. João quebrou o vaso deliberadamente.

A interpretação agentiva irá depender da composição, na sintaxe sentencial, do sujeito com um modificador que expresse volição. Essa diferença semântica acarretará relevantes diferenças para as projeções da estrutura sintático-lexical, pois verbos que acarretam um agente lexicalmente<sup>12</sup>, mesmo sendo uma causa externa, não aceitam a alternância causativa. Portanto, é relevante fazer essa distinção.

Exemplos de verbos que podem ser representados pela estrutura em (12) são:

- (14) a. *quebrar*: [ [ X (ACT) ] CAUSE [ Y BECOME <QUEBRADO> ] ]  
b. *abrir*: [ [ X (ACT) ] CAUSE [ Y BECOME <ABERTO> ] ]<sup>13</sup>  
c. *acender*: [ [ X (ACT) ] CAUSE [ Y BECOME <ACESO> ] ]

Parafraseando as estruturas acima, temos:

(15) O X (voluntaria ou involuntariamente) causa o Y ficar *quebrado/aberto/aceso*.

Outros exemplos de verbos dessa classe são:

(16) amassar, amparar, apagar, arrebentar, asfixiar, colar, contundir, curar, desfiar, degelar, descosturar, destruir, desfazer, esterilizar, entortar, estragar, esvaziar, esfriar, fechar, ferir, furar, gelar, iluminar, incendiar, ligar, machucar, molhar, privilegiar, proteger, queimar, rachar, rasgar, secar, sufocar, sujar, torcer (o pé), trincar...

## 4.2 Verbos estritamente causativos

---

<sup>12</sup> Mais adiante, especificaremos essa classe de verbos estritamente agentivos.

<sup>13</sup> É fundamental realçarmos que o mesmo verbo pode ser analisado diferentemente se houver outras ocorrências polissêmicas, como em *abrir o livro*, *abrir a porta* ou *abrir a nova loja*.

Verbos do tipo *preocupar*, como o exemplo em (10), terão uma pequena distinção semântica em relação à classe dos causativo/agentivos. Esses verbos não aceitam, nem composicionalmente, um agente na posição de sujeito. Evidência disso é que sentenças com verbos desse tipo não aceitam um instrumento:

- (17) a. \* A filha preocupou a mãe com uma faca.
- b. \* O João aborreceu o pai com um martelo.
- c. \* A Maria chateou o namorado com um revólver.

Cançado (1995) classifica esses verbos como estritamente causativos. A autora realça que, mesmo que esses verbos possam apresentar um NP animado na posição de sujeito, a referência denotada por esse NP não será a de um ente animado, mas sim, a de uma eventualidade não especificada. Isso implica uma estrutura de predicados um pouco diferente da proposta em (12):

- (18) *preocupar*: [[X] CAUSE [Y BECOME <PREOCUPADO>]]

Na estrutura em (18), o X é interpretado como uma causa não-especificada e poderíamos propor a seguinte paráfrase:

- (19) Uma eventualidade (seja um evento ou um estado) causa o Y ficar preocupado.

Uma motivação gramatical para se propor a distinção entre essas duas estruturas de predicado é que verbos que possuem a estrutura em (12) aceitam a passivização sintática, enquanto os verbos que possuem a estrutura em (18) não aceitam a passivização:

- (20) a. O vaso foi quebrado (pelo João).
- b. A porta foi aberta (pelo João).
- c. A luz foi acendida (pelo João).
- (21) a. \*A mãe foi preocupada pela filha.
- b. \*O pai foi aborrecido pelo João.
- c. \* O namorado foi chateado pela Maria.

A classe dos verbos estritamente causativos é composta somente por verbos psicológicos que têm um objeto como experienciador, entretanto, vale observar que nem todos os psicológicos com objeto experienciador fazem parte dessa classe. Cançado (1995) aponta que existe um grupo de verbos psicológicos que fazem parte dos verbos causativo-agentivos, como por exemplo:

- (22) a. O João assustou a Maria com um revólver.
- b. A Maria foi assustada pelo João.

- (23) a. O João acalmou a Maria com um chá.  
b. A Maria foi acalmada pelo João.
- (24) a. Os colonizadores apaziguaram os índios com presentes.  
b. Os índios foram apaziguados pelos colonizadores.

Outros exemplos de verbos estritamente causativos são:

(25) abalar, abismar, acabrunhar, acanhar, afligir, agitar, agoniar, azucrinar, baratar, chocar, contentar, decepcionar, deleitar, deprimir, desalentar, desanimar, desiludir, emocionar, encabular, encantar, enervar, entristecer, enfurecer, fascinar, fortalecer, frustrar, impacientar, incomodar, nausear, obcecar, pasmar, relaxar, tontear ...

Vimos até aqui dois tipos de verbos de mudança de estado, aqueles que aceitam tanto uma causa quanto um agente como argumento externo, tipo *quebrar*, e aqueles que aceitam apenas uma causa como argumento externo, tipo *preocupar*. Mostramos que essa subdivisão é relevante gramaticalmente, pois a passivização é sensível a ela. Mostramos também que verbos psicológicos podem pertencer a ambos os subtipos. Passemos, pois, para um terceiro subtipo de verbos de mudança de estado.

### 4.3 Verbos incoativos

O terceiro tipo de verbos de mudança de estado, como exemplificado em (11), é assumido por muitos, principalmente, para análises do inglês, como pertencendo à classe de *quebrar*. Isso porque eles denotam uma mudança de estado e podem aparecer tanto na forma transitivo-causativa quanto na forma intransitivo-incoativa. Entretanto, como já realçamos, as línguas lexicalizam os eventos de maneiras diferentes e parece ser este o caso do PB, com relação a verbos desse tipo. Cançado e Amaral (a sair) propõem que existem algumas diferenças semânticas e morfossintáticas entre verbos como *amadurecer* e os demais verbos de mudança de estado. Primeira evidência da diferença entre as classes de *quebrar* e *amadurecer* é a natureza semântica do argumento interno afetado. A mudança de estado do argumento interno de um verbo causativo deve-se a um processo que ocorre externamente ao objeto e não depende dele para se efetivar. Já a mudança de estado do argumento interno de um verbo incoativo deve-se a um processo que ocorre internamente a esse objeto e depende de propriedades inerentes do objeto para se efetivar. Kemmer (1993) classifica esses verbos como verbos que sofrem uma mudança de estado fisiológico. Alexiadou e Anagnostopoulou (2003) classificam esses verbos como internamente causados, pois a mudança de estado que ocorre no evento é ligada às propriedades inerentes do objeto que muda de estado. Essa propriedade restringe a natureza do papel temático do argumento externo, pois os verbos incoativos não são compatíveis com um agente e, mesmo, quando existe um argumento expresso por um NP animado, a denotação desse NP não é a de um agente, pois não se consegue acrescentar um instrumento na sentença. Para Levin (2009), essa causa indireta cria o ambiente propício para a ocorrência do processo, mas o processo só irá se desenrolar se o objeto afetado tiver propriedades inerentes que o

efetivem. Portanto, esses verbos também são estritamente causativos<sup>14</sup>, como os verbos do tipo *preocupar*. Isso pode ser evidenciado pelos exemplos abaixo:

- (26) \*A empregada amadureceu a banana com o forno.
- (27) \*A padaria apodreceu o pão com o fermento.
- (28) \*A babá azedou o leite com a colher.

Como esses verbos são estritamente causativos, não aceitando um agente na posição de argumento externo, também a construção passiva e a indeterminação são bloqueadas, pois são propriedades sintáticas diretamente relacionadas à agentividade:

- (29) a.\*A banana foi amadurecida.  
b.\* Amadureceram a banana.
- (30) a.\*O pão foi amadurecido.  
b.\*Amadureceram o pão.
- (31) a.\*O leite foi azedado.  
b.\*Azedaram o leite

Cançado e Amaral (a sair) apontam outra evidência da distinção entre essas duas classes: na versão incoativa de verbos como *amadurecer*, não é possível a inserção do clítico *se*, como é possível para os demais verbos causativos:

- (32) a. O calor amadureceu a banana.  
b. A banana \*se amadureceu.
- (33) a. A umidade apodreceu o pão.  
b. O pão \*se apodreceu.
- (34) a. A calor azedou o leite.  
b. O leite \*se azedou.

As autoras alegam que alguns autores, como por exemplo Kaine (1975), Grimshaw (1982) e Reinhart e Siloni (2004), sustentam que o clítico *se*, nas línguas românicas, aparece na forma intransitiva como uma maneira de marcar a ausência de um argumento da diátese transitiva básica do verbo. Com isso, temos que assumir que existe uma forma transitiva básica e uma forma intransitiva derivada. O grande problema de assumir uma explicação dessa natureza é mostrar as evidências do que é uma forma básica de um verbo. Do ponto de vista sintático, os exemplos de (9) e (11) são idênticos: verbos que apresentam uma forma transitiva e uma forma intransitiva. Existem outros autores que refutam essa proposta, por exemplo, Kemmer (1993) e Maldonado (1999). Os autores propõem que o *se*

---

<sup>14</sup> Sem entrar em detalhes, vale a observação de que a natureza semântica do objeto e do sujeito dos verbos do tipo *preocupar* também é a mesma dos verbos incoativos. Interessante observar que, apesar da motivação ser sintática, Belletti & Rizzi (1987) propõem que verbos do tipo *preoccupare* do italiano teriam uma estrutura inacusativa. Muitos autores demonstram que essa hipótese sintática está equivocada, entretanto, do ponto de vista semântico, esses verbos realmente se assemelham.

pode aparecer para marcar diversas manifestações. Por exemplo, para o espanhol, Maldonado propõe que o *se* aparece em situações com significados particulares: a marca de correferencialidade, de impessoalização, de auto-afetação, de incoatividade, de processos espontâneos, entre outros. Até mesmo verbos reconhecidamente inacusativos, podem receber a marca *se*, como o verbo *cairse*. Ainda, há muitos contra-exemplos com verbos depoentes, do tipo *arrepender-se*, *chamar-se*, que possuem a marca *se*, mas notadamente essa marca não é entendida como a remoção de algum argumento. Portanto, não existem evidências de que o clítico *se* marque alguma propriedade sintática.

Segundo Cançado e Amaral, em outra linha de análise, Chierchia (2004) e Koontz-Garboden (2009) propõem que o fenômeno da anticausativização é uma operação geral de reflexivização. Entretanto, não parece uma alternativa adequada, tratar a inserção do *se* como um processo de reflexivização único. Kemmer (1993) assume que existem dois domínios distintos em que a marca morfológica *se* opera: o domínio reflexivo e o domínio médio (as sentenças incoativas e as sentenças mediais, que apresentam a marca *se* nas línguas românicas, por exemplo). A autora mostra que há línguas, como as românicas, que apresentam a mesma marca morfológica para o processo de reflexivização e de construções médias. Entretanto, há línguas que apresentam duas formas distintas para marcar a reflexivização e as construções médias, como por exemplo, o russo e o latim. Ainda, como argumento principal, a marca *se* nas construções reflexivas marca uma mudança na referenciação dos participantes, tendo uma natureza nominal. Já, a marca *se* nas construções médias marca uma mudança de perspectiva no evento denotado, tendo uma natureza verbal<sup>15</sup>. Portanto, fica também descartada essa hipótese da inserção do *se* como um processo mais geral de reflexivização.

Por outro lado, Chierchia e Koontz-Garboden, como uma evidência da hipótese de reflexivização, propõem que no processo de anticausativização, o operador CAUSE é mantido em sua representação léxico-semântica. Cançado e Amaral seguem essa hipótese específica para analisar os dados do PB. As autoras assumem dois pontos específicos a respeito da presença ou ausência da marca morfológica *se* no PB: primeiro, a marca morfológica *se* não indica marcação sintática; segundo, assumindo que a marca *se* pode indicar uma série de propriedades semântico-pragmáticas distintas, no caso específico dos verbos causativos e incoativos, essa marca vai indicar a presença do predicado primitivo CAUSE na estrutura lexical-semântica dos verbos. Como a classe dos verbos incoativos não aceita a marca morfológica *se*, na sentença intransitiva, fato comum aos verbos causativos, esses verbos não trazem em sua estrutura semântica o predicado primitivo CAUSE, enquanto os verbos causativos, por apresentarem esse predicado em sua estrutura semântica, ao serem incoativizados, perdem esse predicado, aparecendo assim a marcação morfológica.

É importante realçar que as autoras não assumem que existem formas sintáticas básicas e derivadas, mas assumem que, a partir da decomposição do significado dos verbos, temos verbos que são, do ponto de vista semântico, basicamente causativos ou basicamente

---

<sup>15</sup> Godoy (em prep.) utiliza-se da decomposição de predicados para dar explicações mais refinadas sobre a ocorrência do *se* nas sentenças reflexivas e médias.

incoativos, entretanto, o processo sintático de transitivização ou intransitivização é o mesmo para as duas classes. Semanticamente, então, temos verbos causativos que se incoativizam, e verbos incoativos que se causativizam.

Portanto, devido a essas evidências, é relevante separar essas classes. A estrutura de predicados proposta é a seguinte:

(35) *amadurecer*: ([X] CAUSE) [Y BECOME <MADURO>]

Na estrutura em (35), X é interpretado como uma eventualidade que pode ser acrescentada ao verbo, em um processo de causativização, ou seja, essa causa não é inerente ao verbo, porém, é marcada a possibilidade da inserção de uma causa. Teríamos a seguinte paráfrase:

(36) Pode existir um eventualidade X que causa (motiva) o Y ficar maduro.

Outros exemplos dessa classe são:

(37) açucarar, adoecer, amarelar, arroxear, azular, bichar, branquear, bronzear, cariar, cicatrizar, desabrochar, desmaiar, empipocar, embolorar, empalidecer, entonteceu, enrouqueceu, enruguar, enrubescer, ensurdecer, enegrecer, enferrujar, enverdecer, florir, fundir, inchar, mofar, necrosar, pretejar, rançar, sara, talhar, verdejar, ...

#### 4.5 A estrutura sintático-lexical

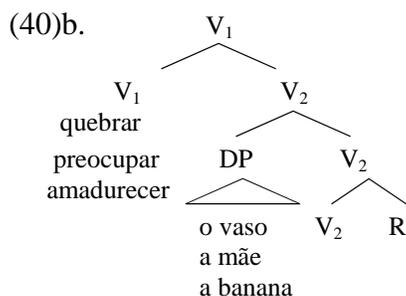
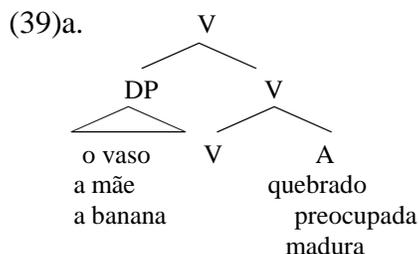
Finalmente, analisaremos como essas três classes são projetadas na estrutura de Hale e Keyser (2002). Apesar de termos proposto a divisão dos verbos que denotam mudança de estado em três subtipos distintos, essa divisão não acarretará três estruturas sintático-lexicais distintas. Vimos que essa divisão é pertinente para algumas propriedades morfosintáticas (passivização e marcação com o clítico *se*). Entretanto, essas diferenças dizem respeito ao argumento externo das três subclasses; com relação ao argumento interno, a estrutura de predicados é sempre a mesma, e é essa a subestrutura relevante para a análise sintático-lexical de Hale e Keyser:

(38) [Y BECOME <STATE>]

A raiz semântica dos verbos de mudança de estado pertence à categoria ontológica dos estados; essa informação é projetada na sintaxe lexical do verbo como um adjetivo<sup>16</sup>. A estrutura argumental proposta para esses verbos consiste em dois componentes estruturais: uma raiz (A) e um verbo hospedeiro (V). O componente verbal toma um complemento, realizado aqui como a raiz que, por ser um adjetivo, requer um Spec:

---

<sup>16</sup> Estamos assumindo que o particípio que tem valor adjetival será projetado na mesma estrutura dos verbos deadjetivais.



A presença do Spec de V licencia a possibilidade de um argumento alternante. Essa estrutura sintático-lexical, portanto, prevê a ocorrência da alternância causativo/incoativa, como constatado de (9) a (11). Se o processo semântico é uma causativização ou uma incoativização, ou se existe a inserção do clítico *se*, esses fatores não serão irrelevantes para a estrutura argumental sintático-lexical.

## 5. Verbos de Ação

A segunda grande classe dos verbos de resultado compõe-se de verbos que têm um agente implícito em seu sentido, ou em outros termos, verbos estritamente agentivos. Além disso, esses verbos têm uma estrutura de eventos complexa, composta por dois subeventos relacionados por uma causação. O primeiro subevento é a ação do agente e o segundo subevento denota um resultado, por meio de algum tipo de afetação em uma entidade, diferentemente do que ocorre na primeira classe estudada, que denota uma mudança de estado na entidade. Os verbos de ação não apresentam a alternância causativo/incoativa e os que vamos aqui estudar são, essencialmente, verbos derivados de um nome, ou seja, denominais. Vale realçar que a subclassificação dada para esses verbos não apresenta uma motivação sintática. Somente a divisão entre verbos de mudança de estado e verbos de ação é relevante sintaticamente. Entretanto, descritivamente, é relevante mostrar que mesmo classes de verbos que têm sentidos específicos podem ter uma generalização semântica, em termos de estrutura de predicados, e que a raiz ontológica dessas estruturas se projeta em determinada estrutura sintático-lexical, prevista por Hale e Keyser.

### 5.1 Verbos denominais de *location*, *locatum* e benefactivos

Partindo da descrição de Clark e Clark (1979), Hale e Keyser (2002) propõem que os verbos denominais do inglês conhecidos como *location* e *locatum* projetam uma mesma estrutura sintático-lexical. Aqui, além de reconhecer que verbos denominais do tipo *location* e *locatum* também existem no português, vamos tratar ainda de verbos que chamamos de “benefactivos”. Como veremos adiante, os três tipos de verbos vão projetar uma mesma estrutura sintático-lexical, o que servirá para explicar duas características que lhes são comuns: a origem em um nome e a não-participação na alternância causativo/incoativa. Embora essas classes verbais tenham raízes com categorias ontológicas relacionadas à categoria gramatical de um N (*PLACE* e *THING*), elas apresentam paráfrases diferentes e apresentam certas distinções semânticas que podem ser captadas por meio da decomposição de predicados.

A subclasse dos verbos de *location* compõe-se de verbos como *hospitalizar*, cuja paráfrase é algo como *colocar alguém no hospital*, ou seja, o nome do qual o verbo deriva é o nome de um lugar. Esses verbos não apresentam a alternância incoativa:

- (41) a. O João hospitalizou a Maria.  
b. \*A Maria (se) hospitalizou. (a menos que a interpretação seja reflexiva, com a obrigatoriedade do *se*)
- (42) a. O João engavetou os papéis.  
b. \*Os papéis (se) engavetaram.
- (43) a. O João engarrafou a cerveja.  
b. \*A cerveja (se) engarrafou.

A estrutura de predicados primitivos proposta para essa classe é:

- (44) [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [IN <PLACE>]]]

Assim, teremos:

- (45) *hospitalizar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [IN <HOSPITAL>]]]  
(46) *engavetar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [IN <GAVETA>]]]  
(47) *engarrafar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [IN <GARRAFA>]]]

Os verbos dessa subclasse compartilham uma mesma decomposição de predicados, diferindo apenas quanto à locação final de Y; esse locativo é a raiz do verbo, o seu sentido idiossincrático. O predicado ACT não é notado entre parênteses, pois esses verbos são estritamente agentivos; o predicado CAUSE relaciona os dois subeventos; e o predicado BECOME acarreta que Y não estava na locação denotada pela raiz, anteriormente ao evento. Assim sendo, a composição de BECOME com o locativo implica, como resultado, um deslocamento do argumento Y no decorrer da eventualidade.

Outros exemplos de verbos dessa classe são:

(48) aprisionar, arquivar, aterrar, embolsar, emoldurar, empacotar, encanar, encaixotar, encarcerar, encestar, encovar, engaiolar, enjaular, ensacar, enterrar, envelopar...

Outra classe de verbos do PB que, também, não aceitam a alternância causativa são os verbos chamados por Clark e Clark (1970) de *locatum*:

- (49) a. O João amanteigou o bolo.  
b. \*O bolo (se) amanteigou.
- (50) a. O João algemou a Maria.  
b. \*A Maria (se) algemou. (interpretação reflexiva possível, com o *se*)
- (51) a. O cavaleiro selou o cavalo.  
b. \*O cavalo (se) selou.

Para Clark e Clark (1979), esses verbos teriam um sentido semelhante ao dos verbos de *location*, com a diferença da posição do nome da qual deriva o verbo. Nos verbos de *location*, por exemplo, *engavetar* (*colocar Y na gaveta*), o nome *gaveta* está localizado no locativo da sentença usada como paráfrase do verbo. Nos verbos de *locatum*, por exemplo, o verbo *amanteigar* (*colocar manteiga em Y*), o nome *manteiga* está localizado no complemento do verbo *colocar* da sentença usada como paráfrase do verbo. Entretanto, Hale e Keyser (2002:20) mostram que a paráfrase para verbos do tipo *amanteigar* não se sustenta no processo de derivação de nome para verbo e que a paráfrase mais adequada para esses verbos seria: *prover o pão com manteiga*. Os autores argumentam que se admitíssemos a existência do processo de *conflation* de nomes em posição de complementos (localizados em Spec de P) com um V, teríamos construções para verbos de *location* e *locatum*, como as em (a) abaixo:

- (52) a. \*O João enlivrou na gaveta.  
b. O João colocou livros na gaveta. -> engavetou os livros.
- (53) a. \*O João amanteigou no pão. (O João colocou manteiga no pão)  
b. O João proveu o pão com manteiga. -> amanteigou o pão.

Portanto, a hipótese dos autores é a de que os verbos denominais (não os inergativos) derivam de estruturas do processo de *conflation* de uma preposição abstrata com o nome do qual o verbo se origina. A diferença entre essas classes está unicamente no sentido da preposição. Nos verbos de *location*, a preposição tem sentido de lugar: *colocar y em*; e nos verbos de *locatum*, a preposição tem sentido de posse: *prover y com*. Os autores propõem que a raiz desses verbos é o nome de um objeto que a entidade denotada pelo argumento interno passa a possuir.

Concordando com a hipótese de Hale e Keyser (2002), assumiremos a paráfrase *prover y com* para verbos do tipo *locatum*, refletindo nas estruturas semântico-lexicais os diferentes sentidos das preposições:

(54) [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]]

Vejam os exemplos:

(55) *amanteigar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <MANTEIGA>]]]

(56) *algemar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <ALGEMA>]]]

(57) *selar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <SELA>]]]

Os verbos dessa subclasse compartilham uma mesma estrutura de predicados, na qual ACT é obrigatório, há dois subeventos relacionados por uma causa e há um predicado BECOME, que, em composição com o argumento “possessivo” introduzido por WITH, implica, como resultado, que Y não possuía o objeto denotado pela raiz anteriormente à eventualidade. O que difere um verbo de outro dentro dessa subclasse é justamente a raiz, que contém a parte idiossincrática do sentido do verbo.

Outros verbos dessa subclasse são:

(58) *acorrentar, aferrolhar, afivelar, adubar, agasalhar, apimentar, cimentar, concretar, coroar, temperar...*

Passemos à terceira subclasse, os verbos que nomearemos de benefactivos, que como os acima, também não aceitam a alternância causativa:

(59) a. O João presenteou a Maria.

b. \*Maria (se) presenteou. (interpretação reflexiva possível, com o *se*)

(60) a. O João patrocinou a banda.

b. \*A banda (se) patrocinou. (como acima)

(61) a. O patrão pagou o empregado.

b. \*O empregado (se) pagou. (como acima)

A paráfrase que vem primeiro à mente é algo como *dar presente/patrocínio/pagamento para Y*, em que haveria um deslocamento de algo, partindo de uma fonte para um alvo, um recebedor, ou ainda um “benefactivo”; daí o nome dessa subclasse. Porém, o mesmo raciocínio desenvolvido acima cabe para os verbos benefactivos: a melhor paráfrase para esses verbos é a proposta para os verbos de *locatum*: *prover Y com N*. Podemos constatar que se houvesse o processo de *conflation* do complemento (Spec de P) com o verbo, teríamos sentenças agramaticais, como as seguintes:

(62) a. \*O João presenteou para a Maria. (O João deu presentes para a Maria)

b. O João proveu a Maria com presentes. -> presenteou a Maria.

Com isso, temos uma mesma estrutura semântica que a dos verbos de *locatum*:

(63) [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <THING>]]]

Para os exemplos de (59) a (61), temos as seguintes estruturas de predicados:

(64) *presentear*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <PRESENTE>]]]

(65) *patrocinar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <PATROCÍNIO>]]]

(66) *pagar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <PAGAMENTO>]]]

O que esses verbos compartilham entre si e com os verbos de *locatum* é uma estrutura em que ACT é obrigatório, há dois subeventos relacionados por uma causa e há um predicado BECOME que, associado ao argumento possessivo introduzido por WITH, acarreta, como resultado, uma mudança nas posses da entidade denotada por Y. O que difere cada verbo é a raiz, que denota o que é dado. Apesar de parecer que deveria haver um deslocamento de algo (a denotação da raiz) de X para Y, trata-se muitas vezes de entidades abstratas, como *patrocínio*, que não necessariamente existiam nas posses de X antes de existirem nas de Y. Queremos com isso justificar a ausência de predicados como GO ou MOVE ou mesmo de argumentos locativos na estrutura semântica dos verbos benefactivos. Talvez a única diferença entre os verbos benefactivos e os verbos de *locatum* seja o fato de a denotação da raiz ser algo mais abstrato, como *patrocínio*, e não concreto, como *manteiga*. Vejamos uma listagem de mais exemplos:

(67) *abençoar, acomodar, acudir, ajudar, apoiar, alimentar, assessorar, condecorar, contratar, diplomar, empregar, escoltar, favorecer, financiar, indenizar, penalizar, premiar, orientar, recompensar, socorrer..*

Vale ressaltar, como uma última observação, que uma abordagem semântica por meio de decomposição de predicados acomoda mais naturalmente o sentido de todos esses verbos e também as suas diferenças de sentido do que uma abordagem por grades temáticas, por exemplo. Do ponto de vista dos papéis temáticos, as três subclasses de verbos denominais teriam a mesma grade, contendo um argumento Agente e um Paciente. As estruturas propostas deixam claro que parte do sentido é compartilhada entre dois verbos e que parte é idiossincrática de cada verbo, além de representar bem o fato de que a raiz contribui para o nome do verbo, conforme a hipótese de Levin e Rappaport-Hovav (1999). Finalmente, seria interessante mostrar que as diferenças entre as três subclasses representadas nas estruturas semânticas não são diferenças linguisticamente triviais. Ou seja, restaria encontrar evidências de propriedades linguísticas sensíveis às diferenças semânticas existentes entre as subclasses. Parece ser esse o caso da reflexivização. Conforme Godoy (em prep.), há uma gradação com relação à formação de sentenças reflexivas<sup>17</sup>. Enquanto verbos de *location* formam reflexivas sem problemas (*João se hospitalizou*), verbos benefactivos formam reflexivas mais estranhas pragmaticamente

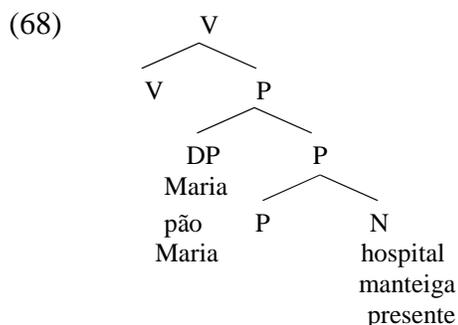
---

<sup>17</sup> Conforme Godoy (em prep.), a reflexiva só pode ser formada se o verbo aceitar um argumento interno animado. Assim, um verbo como *engavetar* não forma reflexiva.

(?João se apoiou), ou até anômalas (#João se escoltou), estando os verbos de *locatum* entre esses dois pólos (João se algemou). Não entraremos em mais detalhes aqui.

## 5.2 A estrutura sintático-lexical

Em relação à projeção dos verbos na estrutura sintático-lexical, as distinções semânticas observadas entre as quatro subclasses serão irrelevantes. Retomando a idéia de muitos-para-um no mapeamento da semântica para a sintaxe lexical, vamos mostrar que as diferentes estruturas semânticas se projetam igualmente em uma estrutura sintático-lexical do tipo (3). A raiz desses verbos, de tipo ontológico *PLACE* ou *THING*, vai se projetar como um nome, inserida na projeção birrelacional de uma preposição abstrata, em posição de complemento verbal:



Vamos retomar a explicação de Hale e Keyser (2002) para a estrutura de verbos de *location* e *locatum*, acrescentando os verbos benefactivos. Por meio da operação de *conflation*, o nome é incorporado à preposição abstrata e em seguida ao verbo, formando os verbos *hospitalizar* (*location*), *amanteigar* (*locatum*) e *presentear* (benefactivo). O argumento interno desses verbos encontra-se em posição de Spec de P. Essa configuração dá conta de explicar por que nenhum desses verbos participa da alternância causativo/incoativa, como mostramos nos exemplos (b) acima. Isso se deve justamente ao fato de o argumento interno não estar em posição de Spec de V (mas, em Spec de P). Além disso, a configuração explica também a origem denominal desses verbos.

## 6. Considerações Finais

Neste texto, visamos propor uma representação lexical de verbos que consiste em dois níveis relacionados: o semântico-lexical e o sintático-lexical. O nível semântico-lexical representa o sentido dos verbos em uma estrutura composta de predicados primitivos e de uma raiz. A estrutura de predicados é o que os membros de uma mesma classe verbal compartilham entre si e a raiz é a parte idiossincrática do sentido de cada verbo individualmente. O nível sintático-lexical representa a estrutura argumental dos verbos,

servindo como um mapeamento do nível semântico para a sintaxe propriamente dita e sendo capaz de prever a realização argumental dos verbos na sintaxe. Por exemplo, prevê a possibilidade da participação de certo verbo na alternância causativo/incoativa. Esses dois níveis estão relacionados por meio da raiz, que, na estrutura semântica, tem um certo tipo ontológico, sendo mapeada na estrutura sintático-lexical como pertencendo a determinada categoria gramatical. Essa relação entre os dois níveis é de “muitos-para-um”, pois há mais tipos ontológicos que categorias gramaticais.

Para exemplificar e corroborar a proposta, elegemos algumas classes verbais do português brasileiro para serem representadas. Dois grandes grupos foram selecionados – o dos verbos de mudança de estado e o dos verbos acionais denominais – e subdivididos. Em termos da estrutura sintático-lexical, trata-se de fato de apenas dois grupos, mas em termos da estrutura semântico-lexical, cada grande grupo se subdivide. O grupo dos verbos de mudança de estado foi subdividido em verbos causativo/agentivos, estritamente causativos e incoativos. Cada uma dessas subdivisões foi motivada semântica e morfossintaticamente, pois há propriedades morfossintáticas sensíveis à subdivisão, como a passivização e a presença do clítico *se*. No entanto, para a estrutura argumental, que prevê a alternância causativo/incoativa, a subdivisão é irrelevante. Todos os verbos de mudança de estado vão se projetar em uma estrutura sintático-lexical em que a raiz pertence à categoria dos adjetivos e há um Spec de V, posição de um argumento passível de ser alternado. O grupo dos verbos acionais derivados de nomes foi subdividido em verbos de *location*, de *locatum* e benefactivos, conforme o seu sentido. Essas diferenças de sentido que representamos em diferentes estruturas semânticas, apesar de intuitivas, não foram corroboradas por propriedades morfossintáticas, como pudemos fazer dentro da classe dos verbos de mudança de estado. Pressupondo que existam tais propriedades sensíveis à divisão, observamos que a reflexivização parece ser uma delas e lançamos para um trabalho futuro a descoberta de outras propriedades. A estrutura argumental, ou sintático-lexical, de qualquer maneira, é cega a tais diferenças, sendo que os verbos de *location*, *locatum* e benefactivos são projetados em uma estrutura que explica tanto a origem denominal do verbo (projeção de uma preposição abstrata) quanto a não-possibilidade da alternância causativo/incoativa (não há Spec de V).

As estruturas sintático-lexicais propostas aqui para representar os verbos do português brasileiro são totalmente fiéis às estruturas de Hale e Keyser (1993, 2002). Porém, a idéia dos autores não é a de associá-las a representações semânticas. A originalidade deste trabalho consiste justamente nessa associação, apesar de haver na literatura propostas semelhantes (em abordagens metodológicas mais antigas). Apontamos, também, como méritos do trabalho: a) as propostas originais das estruturas semântico-lexicais, ainda que baseadas em grande parte na literatura sobre decomposição semântica de predicados, b) as subdivisões motivadas para a classe dos verbos de mudança de estado e c) a percepção da origem denominal dos verbos benefactivos e a sua representação lexical. Esperamos, assim, ter contribuído para uma maior compreensão do léxico verbal do português brasileiro, bem como para a construção de uma metodologia formalizada e adequada para estudá-lo.

## 7. Referências bibliográficas

- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. 2006. The properties of anticausatives crosslinguistically. In: FRASCARELLI, Mara (org.). *Phases of Interpretation*. Berlin: Mouton, pgs. 187-211.
- BELLETTI, A.; RIZZI, L. 1988. Psych Verbs and Theta-Theory. *Natural Language and Linguistic Theory* 6, pgs. 291-352.
- CANÇADO, M. 2010. Verbal Alternations in BP: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*. v. 3, n. 1, pgs. 77-111.
- CANÇADO, M. e AMARAL, L. A sair. Representação lexical dos verbos incoativos do PB. *Revista da ABRALIN* (disponível em: [www.letras.ufmg.br/proofs/marciacancado](http://www.letras.ufmg.br/proofs/marciacancado))
- CHIERCHIA, G. 2004. A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences. In: Alexiadou, Anagnostopoulou e Everaert (eds.). *The unaccusativity puzzle*, p. 22-59. Oxford: Oxford University Press.
- DOWTY, D. 1991. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67, 547-619.
- GODOY, L. Em prep. A construção reflexiva e as classes verbais no PB. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, UFMG.
- GRIMSHAW, J. 1982. On the Lexical Representation of Romance Reflexive Clitics. In: J. Bresnan (ed.), *Mental Representations of Grammatical Relations*. Cambridge: MIT Press.
- GRIMSHAW, J. 1990. *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.
- HALE, K.; KEYSER, S. 1993. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In Kenneth Hale e Samuel Keyser (eds.), *The View from Building 20*, 53-109. Cambridge: MIT Press.
- HALE, K.; KEYSER, S. 2002. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.
- JACKENDOFF, R. 1990. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press.
- KEMMER, S. 1993. *The Middle Voice*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- KOONTZ-GARBODEN, A. 2009. Anticausativization. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 27, p. 77-138.

- LEVIN, B. 1993. *English verb classes and alternations*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LEVIN, B. 2009. "Further Explorations of the Landscape of Causation: Comments on the Paper by Alexiadou and Anagnostopoulou", Proceedings of the Workshop on Greek Syntax and Semantics, MIT Working Papers in Linguistics 49, Department of Linguistics and Philosophy, MIT, Cambridge, MA, 239-266.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. 1995. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. 1998. Building verb meanings. In: BUTT, M; GEUDER, W. (eds.) *The projection of arguments: lexical and compositional factors*. Stanford: CSLI Publications.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT, M. 1999. Objecthood: an event structure perspective. In: *CLS*, n. 35, v. 1: the main session.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. 2005. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MALDONADO, R. 1999. *A Media Voz*. México: Universidade Nacional Autónoma de México.
- PARSONS, T. 1990. Events in the Semantics of English: a study in subatomic semantics. *Currents Studies in Linguistic Series*: 19. Cambridge: MIT Press.
- RAPPAPORT, M.; LEVIN, B. 1988. What to do with theta-roles. In: Wilkins, W. (Ed.) *Syntax and Semantics 21*. Academic Press: San Diego.
- RAPPAPORT-HOVAV, M.; LEVIN, B. In press. Reflections on Manner/Result Complementarity, in E. Doron, M. Rappaport Hovav, and I. Sichel, eds., *Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure*, Oxford University Press, Oxford, UK, 21-38.
- REINHART, T.; SILONI, T. 2005. The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other operations. *Linguistic Inquiry*, v. 63, n. 3.
- VAN VALIN, R. D.Jr.; LAPOLLA, R. 1997. *Syntax: Structure, Meaning and Function*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VAN VALIN, Robert D.Jr. 2005. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WUNDERLICH, D. 2000. Predicate Composition and Argument Extension as General Options- A study in the Interface of Semantic and Conceptual Structure. In Barbara Stiebels and Dieter Wunderlich (eds.), *The Lexicon in Focus*, 247-270. Berlin: Akademie Verlag.